

# GOIÁS E GOIANIDADE<sup>1</sup>

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas<sup>2</sup>

**Resumo:** Discute-se o conceito de goianidade e a relevância do estudo da História para a formação da identidade regional. Lembram-se as características do devassamento e da povoação das regiões auríferas, a ruralização progressiva e as mudanças havidas nos últimos anos em Goiás, decorrentes da mudança da capital federal para o Planalto Central, em 1960. Assinala-se a rápida urbanização do Estado, bem como as consequências da aceleração desse processo sobre os usos, costumes e mentalidade dos habitantes de Goiás.

**Palavras chave:** Goianidade. Identidade regional. Urbanização. História de Goiás

It discusses the concept of goianidade and relevande of the study of history to the formation of regional identity. Remember the characteristics of the wanton and the settlement of the gold mining regions, ruralisation progressive and the changes that occurred in Goias in recent years, arising from the change in the federal capital for Central Highlands in 1960. Notes the rapid urbanization of the state, and the consequences of the acceleration of this process on the uses, customs and mentality of the inhabitants of Goiás.

## GOIÁS AND GOIANIDADE

**Keywords:** Goianidade . Regional identiy ; Urbanization ; History of Goiás.

### INTRODUÇÃO

Preliminarmente, busquemos entender o que seja GOIANIDADE. Consultando o Aurélio, encontramos: BRASILIDADE - propriedade distintiva do brasileiro e do Brasil; amor ao Brasil.

Por analogia, podemos dizer que GOIANIDADE é a propriedade distintiva do goiano e de Goiás, significando também amor a Goiás. Acrescentemos que brasilidade e goianidade são faces da mesma moeda: não se poderá amar Goiás, sem amar o Brasil; de igual modo, o amor ao Brasil, como um todo, implica em amor a Goiás, uma de suas partes componentes.

Ama-se o que se conhece. Para amar Goiás, faz-se mister conhecê-

---

<sup>1</sup> Texto elaborado a partir de palestra proferida na Faculdade de Filosofia Cora Coralina, na Cidade de Goiás, durante o 2º. Encontro de Goianidade, em 1993.

<sup>2</sup> Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Titular aposentada da Universidade Federal de Goiás. Sócia emérita do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Sócia fundadora da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e da Sociedade Brasileira de História da Medicina. Membro Titular da Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes; Sócia correspondente da Academia Belavistense de Letras, Artes e Ciências.

lo - o que poderá ser alcançado por duas vias, que não são excludentes, mas complementares. A primeira será a intuitiva, aquela que se desenvolve a partir da emoção e do sentimento. Viabiliza-se através das artes - literatura, música, artes plásticas em geral, cinema, fotografia etc. A realidade é recriada segundo a sensibilidade do artista, que exerce o papel de porta-voz do seu tempo e da sua circunstância. De igual modo, nas lendas e tradições populares reflete-se a alma anônima do povo. A leitura de romances, mitos, poemas e trovas ao lado da apreciação de quadros, esculturas e tessituras permitirá conhecer como homens e mulheres, dotados da centelha da criação, entendem, explicam e expressam o mundo que os rodeia, nas dilatadas terras de Goiás.

A segunda via para conhecer e amar Goiás seguirá o caminho da ciência, ou seja, da pesquisa científica, que busca a elaboração de certezas fundadas na observação empírica. Situam-se ali os conhecimentos geográfico, climático, geológico, fisiográfico, ao lado de levantamentos estatísticos e estudos de economia, demografia, ecologia e tantos mais. Na área das Ciências Humanas, alinham-se a história, a antropologia, a sociologia, a psicologia social - dentre outras - cada qual adotando métodos e processos que lhes são próprios.

Fiquemos com a história. Procuremos conhecer Goiás, para melhor amá-lo, através da sua história, entendida esta como agente de reconstrução do passado. Algumas perguntas colocam-se como preliminares ao nosso propósito:

- por que e para que reconstruir o passado?
- em que medida o conhecimento do ontem poderá iluminar o hoje e o amanhã?
- o que nos poderá dizer a história sobre a sociedade e a gente de Goiás, para que possamos entendê-las melhor?
- será possível conhecer essa sociedade, não somente através de suas elites dirigentes, mas também de suas camadas populares, em seus delineamentos e movimentos ainda confusos e indeterminados?

A história é filha do seu tempo – ou, como afirma José Honório Rodrigues, a história não é do passado, é do presente. Ao elaborá-la, os historiadores enfrentam o desafio de conhecer e explicar o passado de modo

compatível com a compreensão humana de hoje. Toda história é história contemporânea, proclama Benedetto Croce. Assim, o trabalho do historiador será ver o passado através do presente e à luz dos seus problemas.

Nessa perspectiva, o passado não é algo morto, autoritário pela inexorabilidade do seu legado, mas fonte de experiência, pois que no presente inserem-se as forças do ontem. Essas forças chegam aos dias atuais como herança proveniente de indivíduos e movimentos vitoriosos, mas também de perdedores, por vezes ressurretos: lembremos as lutas pela Independência do Brasil; a cada repressão, a cada derrota diante da supremacia metropolitana, um passo se acrescentava em favor da ruptura definitiva, que afinal ocorreu.

A história que nos é possível construir será elaborada segundo a perspectiva privilegiada do nosso tempo, misto de presunção e ingenuidade que nos faz acreditar em nossas certezas e apregoar nossa sabedoria.

Em verdade, a partir dos anos 60, após a construção e inauguração de Brasília, Goiás atravessa acelerado processo de mudança. Até então, era a sociedade goiana acentuadamente agrária, nela predominando atividades e valores vinculados ao campo, que comandava o processo produtivo. As cidades funcionavam como centros político-administrativos, organizando e governando o mundo rural que para elas convergia e, ao mesmo tempo, limitava-lhes o crescimento.

Cidades de pequeno porte - a maioria com menos de 5.000 habitantes - nos núcleos urbanos de Goiás privilegiava-se o relacionamento informal entre pessoas e instituições, predominando a emoção e a afetividade sobre a racionalidade e a impessoalidade.

Mudanças econômicas, demográficas, tecnológicas e culturais chegaram ao Planalto Central com a transferência da capital do País, irradiando-se por todo o Estado de Goiás. Sucedem-se alterações profundas na produção agro-pastoril, esteio da economia. Goiás que, desde a decadência da mineração aurífera, ao final do século XVIII, estivera voltado para a produção e o consumo regional, é agora convocado a produzir para exportar.

Paralelamente, a introdução de nova estrutura produtiva e de novas tecnologias no campo exerce forte pressão migratória, com o abandono de sítios e fazendas em favor da urbanização acelerada. Em menos de 20 anos, a população do Estado toma-se predominantemente urbana: em 2.000, cerca de

85% dos habitantes de Goiás residiam em cidades; na atualidade, estima-se que seja maior esse percentual.

As conseqüências de tal fato são múltiplas. Do ponto de vista sócio-cultural podem ser apontadas as mais expressivas, a saber:

- mudança dos padrões de consumo e de poupança, substituídos os antigos valores da frugalidade e da simplicidade pela valorização e busca do supérfluo;
- massificação dos bens de consumo, nas áreas de alimentação, habitação e vestuário; ao invés da originalidade da produção artesanal, obtida pela utilização de recursos naturais e fórmulas tradicionais, passam a impor-se os produtos industrializados e padronizados;
- abandono de antigas e consagradas formas de sentir, de viver e de fazer, assim como da religiosidade, da hierarquia familiar e social e da ajuda mútua, substituídos pelo individualismo e pela competição.

Será possível e desejável deter esse processo de mudança, muitas vezes entendido como sinal de desenvolvimento econômico, de modernização e de progresso?

A transição que ora afeta a sociedade goiana, levando à urbanização acelerada, é parte do quadro mais amplo da realidade brasileira, com a peculiaridade de que o Centro Oeste, mantido à margem pelo isolamento geográfico, insere-se no contexto nacional em momento especialmente dinâmico de mudanças estruturais e conjunturais. Vale lembrar que, a despeito de distorções e carências dramáticas, tais mudanças encerram, por vezes, aspectos positivos.

Lembremos o que acontecia, até algumas décadas atrás, com o ensino superior no País e em Goiás. Para os jovens que desejassem prosseguir seus estudos, as oportunidades eram muito limitadas. Até a década de 1920, inexistiam universidades no País. As faculdades concentravam-se nas capitais mais prestigiosas - Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre. Na antiga Vila Boa, nem mesmo o curso de Ciências Jurídicas e Sociais era equiparado, vale dizer, reconhecido em nível federal, o que viria a acontecer alguns anos depois da mudança da capital para Goiânia.

Somente os filhos de famílias abastadas, ou aqueles mais persistentes e corajosos ousavam deslocar-se de Goiás, para tentarem o

ingresso nos pouquíssimos cursos superiores existentes. Quantas inteligências promissoras, quantas ambições sadias, quantos anseios de conhecimento e de crescimento intelectual terão fenecido, diante de tais carências e dificuldades!

Esse estado de coisas iria modificar-se somente em meados do século XX, como decorrência das mudanças que afetaram a sociedade goiana, a partir dos anos 40 e, mais intensivamente, depois da fundação das universidades Católica e Federal, em 1959 e 1960, respectivamente.

Transição e mudanças permeiam, a cada dia, conjunturas e estruturas sociais. Em relação às primeiras, afloram em fatos superficiais, por vezes turbulentos, expressando-se sob a forma de acontecimentos inusitados, de efervescências incontroláveis, até mesmo de escândalos. No que diz respeito às estruturas, fluem lentamente, em correntes profundas, subterrâneas - delas, são os melhores exemplos as mudanças de mentalidade que, por vezes, completam-se ao longo de gerações.

Não se cogite, pois, de deter a história, mas de conhecê-la, para que seja possível conduzir e disciplinar o presente, amoldá-lo ao projeto de uma sociedade consciente. Seja no momento da concepção e do delineamento, seja quando da implementação desse projeto, serão valiosos os subsídios e a contribuição da história.

Em rápido bosquejo, o que nos poderá dizer a história de Goiás - ainda em construção - sobre a sociedade e a gente goiana, para que melhor possamos entendê-las em suas peculiaridades?

Goiás nasceu com a miragem do ouro. Bandeirantes, aventureiros, mineiros com seus escravos, em grupos ou isoladamente, deslocaram-se de lugares os mais diversos, do Reino ou da Colônia, para a atividade febricitante das minas. A movê-los, a cobiça, o sonho da riqueza fácil, o mito de veios inesgotáveis. Venceram-se distâncias continentais, sofreram-se doenças, fome, privações de toda sorte.

Em menos de meio século, enquanto durou a febre do ouro, o continente goiano foi devassado e percorrido. Em meio à turbulência e à pressa, ergueram-se arraiais, capelas e igrejas, criou-se a Capitania de Goiás e inaugurou-se Vila Boa, com *status* de capital, sediando o aparelho administrativo, o governo constituído, a justiça e a arrecadação.

Ao esgotarem-se as minas, quando findava o século XVIII,

completara-se em Goiás um primeiro esboço de organização política e social. Mobilidade e instabilidade marcaram essa sociedade emergente, na qual predominavam homens solteiros, sendo raras as mulheres brancas, pelo que, rapidamente, multiplicaram-se os mestiços. Cupidez e violência impregnavam o dia-a-dia, em meio à avidez e pressa de enriquecer, à corrupção, à desumanidade para com os escravos, aos choques com os índios.

Em nossos dias de relativa infra-estrutura urbana e doméstica, higiene e respeito à privacidade, é-nos difícil visualizar o cenário e os atores dos dias épicos do devassamento e povoamento do interior brasileiro. Míseras habitações de pau-a-pique, ausência de confortos básicos e até mesmo de gêneros alimentícios somavam-se à promiscuidade das multidões que afluíam às catas.

Ao lado da riqueza mítica dos rios e das minas, ao longo do século XVIII, homens e mulheres viviam pobremente, até mesmo sacrificadamente, sendo raras exceções. A existência transcorria em clima de imprevisibilidade: o miserável faiscador de hoje poderia ser o potentado de amanhã. De onde a dificuldade de estruturar-se e sedimentar-se a sociedade que ali se formava, condicionada pela febricitante atividade da busca do ouro.

Goiás foi o segundo produtor de ouro do Brasil, abaixo somente de Minas Gerais e sobrepujando Mato Grosso e Bahia. Durante aproximadamente meio século - ca. 1725 a 1775 - dos leitões dos rios, dos veios a céu aberto e das galerias cavadas nas encostas dos morros, toneladas desse nobre metal foram extraídas.

Avidamente fiscalizada pelos funcionários da Coroa, parte da produção contabilizada pelas autoridades foi remetida para Lisboa, sob a forma de quintos reais. Em verdade, quatro quintos, ou seja, 80% do ouro oficialmente produzido em Goiás aqui deveriam ou poderiam ter ficado, transformando-se em capitais que viabilizassem novas formas de produção na região. A esses, outro tanto deveria somar-se, proveniente da produção clandestina, obviamente não quintada.

Não foi o que ocorreu, todavia. Muito pouco restou, em Goiás, do ouro produzido nesse período heróico de tão curta duração. Não houve tempo, sequer, para que alguns segmentos sociais usufríssem da abundância e do ócio, que permitem divagar os espíritos. Do século XVIII, abstraídas algumas

igrejas e uns poucos monumentos e edificações, o legado artístico de Goiás colonial é pequeno, ainda que expressivo.

As triturantes realidades da vida quotidiana, o esforço despendido visando ao enriquecimento e à sobrevivência esgotaram o tempo e as energias de quantos se deslocaram para os ermos de Goiás. As distâncias imensas, o isolamento dos núcleos urbanos, a instabilidade e a turbulência impediram a concentração de artífices e artesãos, como, por exemplo, os que viabilizaram o desenvolvimento do barroco mineiro.

Em Goiás, igualmente, inexisteram academias e conservatórios, como os que se criaram em Salvador da Bahia, no Rio de Janeiro e em Ouro Preto, voltados para a produção literária e o cultivo da filosofia e das artes.. Meio século haveria de passar-se, depois da derrocada da produção aurífera, para que o *Matutina Meiapontense* perfilhasse esses temas. Duas décadas mais tarde, em pleno ciclo agropastoril, viria a florescer a arte inigualável de Veiga Valle.

Ao ter início o século XIX, despovoaram-se os arraiais, dantes fervilhantes de vida. A economia, até então extremamente dinâmica, fundada no ouro e na vida proto-urbana, evoluiu para o predomínio das atividades agropastoris, exercidas em nível de subsistência e voltadas para o auto-consumo. Em poucos lugares prevaleceu a feição urbana da sociedade, pois a maior parte dos habitantes refluíu para suas regiões de origem; os que permaneceram, dispersaram-se pelos campos.

Foi difícil a transição da economia aurífera para a agropastoril. Os tesouros recolhidos da generosa terra goiana pouco reverteram em seu benefício. Muito do ouro dos altares suntuosos da Bahia e do Rio de Janeiro foi recolhido nos rios de Goiás. Sabe-se que a industrialização inglesa e europeia beneficiaram-se do ouro brasileiro - e goiano. Até Mato Grosso, durante anos, recebeu quilos de ouro da vizinha capitania para cobrir seu *déficit* crônico. Através de muitos caminhos e descaminhos, o precioso metal evadiu-se de Goiás, restando descapitalizados e empobrecidos seus habitantes e o próprio erário público.

Muitos desafios colocavam-se diante dos remanescentes moradores dos núcleos urbanos de Goiás, dos sítios e fazendas de criar. Além da pobreza generalizada, as agressões do meio físico somavam-se à silenciosa, porém

contínua pressão pelo embrutecimento e pela barbárie, como alternativas de sobrevivência.

Distâncias continentais separavam Goiás da *civilização* - ou seja, dos núcleos urbanos do litoral - e contribuía para o isolamento dos habitantes. A assistência religiosa era difícil e rara, comprometendo os fundamentos da colonização cristã. Viajantes que percorreram a Província, durante a primeira metade do século XIX, registram que, naqueles ermos aonde não chegavam o sal e o ferro, os moradores tendiam a esquecer as orações e a língua portuguesa.

A despeito de tais dificuldades, de forma até certo ponto inconsciente e intuitiva, a sociedade goiana evoluiu de sua feição turbulenta e instável para padrões tradicionais e conservadores, com vistas à preservação e transmissão de valores e padrões ocidentais e cristãos. À medida que avançam os anos noventa, as uniões ilegítimas que tinham predominado até então cedem vez aos casamentos, generalizando-se também a prática da endogamia.

Lentamente, legaliza-se a propriedade fundiária e valorizam-se socialmente as atividades agropastoris. Na hierarquização da sociedade, os proprietários rurais situam-se no topo, empalmando as lideranças políticas regionais, compartilhadas com alguns poucos profissionais liberais e altos funcionários administrativos.

A agricultura e a pecuária que se praticavam seguiam métodos e processos rotineiros, como de resto acontecia em todo o País. Um que outro fazendeiro mais esclarecido empregava a adubação natural, ao lado do arado de bois. A produção mantinha-se limitada, pelas dificuldades de escoamento, destinando-se, quando muito, ao mercado regional que se limitava às vilas e cidades de cada região goiana, poucas em número e diminutas em população. A criação extensiva de gado era a única atividade que, por suas características, lograva romper esse círculo de ferro.

Sob alguns aspectos, a sociedade goiana organizou-se de forma própria e original. Passadas duas décadas de declínio populacional, por volta de 1820, tem início uma constante corrente migratória, proveniente de diversas regiões do País, demandando as abundantes e promissoras terras de Goiás. São mineiros, em grande número, que se deslocam com suas famílias e



rebanhos, apossando-se de vastas glebas e fundando fazendas e arraiais. No Norte e Nordeste da Província, baianos, pernambucanos, piauienses e maranhenses fizeram de Goiás o ponto de união de todos os brasileiros. Paulistas e gaúchos preferiram as regiões do Sul e Sudeste.

Eram eles homens e mulheres livres, alguns poucos trazendo consigo escravos, todos igualmente destinados ao cultivo da terra e à criação de gado vacum, muar e cavalar. Predominava a mão-de-obra familiar, complementada com o trabalho de *jornaleiros*, peões e camaradas, remunerados mediante ajuste prévio.

Sob esse aspecto, a estrutura social que aqui se esboçou distanciava-se da rígida hierarquização e estratificação característica das regiões onde predominavam os engenhos de cana, de feição estamental e aristocrática.

É bem verdade que a família goiana - urbana ou rural - manteve-se tradicional e conservadora, com rígida demarcação dos papéis masculino e feminino, sob a égide da autoridade e da disciplina ditadas pelo *pater familiae*. Nesse quadro, contudo, há um bafejo de liberdade que percorre sítios e fazendas, como prolongamento da camaradagem e colaboração existentes entre vaqueiros e peões, lado a lado na lida pastoril.

Por sua vez, as mulheres, sempre escassas quando não raras, adquirem posição privilegiada, chegando alguns autores a acenarem com um matriarcado goiano, *de fato*, sob a roupagem do patriarcado *de direito*. Nas fazendas e nos núcleos urbanos, os encargos femininos multiplicam-se, tendendo à auto-suficiência de cada unidade familiar, no que diz respeito à alimentação, vestuário, farmacopéia caseira e produtos de higiene e limpeza.

Relativamente à educação, cujo papel ressalta diante do perigo maior da regressão à barbárie, pelo esquecimento da religião, da língua e dos costumes ditos civilizados, em Goiás, como alhures, coube às mulheres a transmissão informal de padrões e valores ocidentais, cristãos e portugueses.

A educação formal, aqui, não contou com a presença de jesuítas, e, em conseqüência, Goiás não conheceu as *escolas de ler e escrever*, nem os colégios inicianos. As primeiras *aulas* que funcionaram em Vila Boa tinham feição pública, gratuita e leiga, ainda que fossem ministradas por sacerdotes.

Muito cedo os goianos reivindicaram um colégio de humanidades, afinal criado: o Lyceu de Goyaz, leigo, gratuito e público, que reunia *cadeiras*,

com vistas aos preparatórios necessários para o acesso a cursos superiores, em outras Províncias. Estaria nessa peculiaridade a explicação para certa dose de inconformismo e para a tendência agnóstica que por vezes perpassa a mentalidade goiana?

Nunca será demais lembrar as características do dia-a-dia das fazendas goianas, ao longo do século XIX e até recentemente. Diferentes das grandes *plantations* do nordeste e do sudeste - que mantinham intercâmbio com cidades litorâneas - os estabelecimentos rurais de Goiás, ilhados na distância e no isolamento, eram verdadeiras autarquias, de tudo produzindo para atender às necessidades dos proprietários, seus familiares, agregados, peões, *camaradas* e escravos, quando os havia.

Muito trabalho e árdua rotina, ajustados às estações climáticas, às chuvas e à seca. Poucos eram os excedentes obtidos, nesse *modus vivendi* que desconhecia o supérfluo e até mesmo o conforto, sem veleidades de requinte ou de luxo. Na construção das casas, na confecção das vestimentas, na elaboração dos alimentos e na utilização de tecnologias rudimentares, empregaram-se recursos naturais locais, laboriosamente cultivados ou artesanalmente trabalhados. O lazer resumia-se a serões e conversas entre familiares e amigos, raros bailes e folguedos, uma que outra seresta e, por vezes, alguma leitura edificante.

A vida social era igualmente restrita. Vizinhos freqüentavam-se raramente, ainda que se cultivassem formas de solidariedade e de ajuda mútua, dentre as quais o *mutirão* e a *treição*. As celebrações religiosas - rezas, novenas e procissões - ensejavam alguma aproximação entre os habitantes do campo e das cidades, cujos estilos de vida não diferiam muito entre si.

Os valores da família, o apego à sua terra e à sua maneira de ser somavam-se e somam-se a outros traços marcantes da *goianidade*: simplicidade como opção de vida, senso de humor e cordialidade simples ao lado de certa altivez e ufanismo em relação aos vastos horizontes, à imensidão dos céus, à abundância de águas e matas.

O conhecimento da vida que se levava no interior das fazendas, assim como nas cidades, vilas, arraiais e *corrutelas* goianas poderá vir a fornecer dados elucidativos da contribuição anônima do povo à sua história e da tessitura das relações humanas que ali se processavam.

Na transição da sociedade mineradora para a agropastoril, a sociedade goiana soube recolher sua herança, ainda que pouco definida naquele momento histórico. Ao longo do século XIX até meados do século XX, preservou-a e amoldou-a aos novos tempos.

Agora é chegado o momento de conhecer e avaliar esse patrimônio cultural e histórico, naquilo que ele apresenta de original, autêntico e diferenciado; retomá-lo e fundi-lo no que ele tem de melhor: sua GOIANIDADE, ou seja, a sorna das propriedades distintivas dos goianos e de Goiás, resultantes de muito trabalho, obstinação e fé.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. 3.ed. (1.ed.:1649) Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1982.
- BARROS, José d' Assumpção. O campo da História. Especialidades e abordagens. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.
- BERTRAN, Paulo (Org. Ed.) Notícia geral da capitania de Goiás. 2 v. Goiânia: Ed. UCG/Ed. UFG, Brasília: Solo Ed., 1997.
- BLOCH, Marc. Introdução à História. 5. ed. Mira-Sintra: Publicações Europa-América [s.d.].
- BRASIL, Antônio Americano do. Pela História de Goiás. (Introdução, seleção e notas de Humberto Crispim Borges). Goiânia: Ed. UFG, 1980.
- BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- CHAUL, Nasr N. Fayad. Caminhos de Goiás. Da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Ed. UCG, 1997.
- COELHO, Gustavo Neiva. Guia dos bens imóveis tombados em Goiás. Vila Boa. V. 1. Goiânia: Instituto de Arquitetos do Brasil, 1999.
- COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. Arraial e coronel. Dois estudos de História Social. São Paulo, Ed. Cultrix, 1978.
- DOLES, Dalísia E. Martins. As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX. Goiânia: Ed. Oriente, 1973.
- ELIS, Bernardo. Vila Boa de Goiás. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia, 1979.
- FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. Poder e paixão: a saga dos

Caiado. Goiânia: Cãnone Ed., 2009.

FREITAS, L.C.B.F. & SILVA, N.R.A. Fazendas Goianas. História e características. *In* Anais da XII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. S. Paulo, 1992, p. 247-251.

\_\_\_\_\_ Antigas fazendas do Planalto Central *In* Ciências Humanas em Revista. Revista do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, a.6, n. 2, jul/dez.1995, p. 113-130.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal (1ª.ed.: 1933). *In* SANTIAGO, Salviano. Intérpretes do Brasil. 3 v. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. V. 2.

GARDNER, George. Viagens no Brasil – principalmente nas Províncias do Norte e no Distrito do Ouro e do Diamante durante os anos de 1835-1841. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1972.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. (1ª. ed.: 1936) *In* SANTIAGO, Salviano. Intérpretes do Brasil. 3 v. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. V. 3.

MAGALHÃES, Couto de (Gal.) Viagem ao Araguaia. 4. ed. Coleção Brasileira n. 52. São Paulo: Cia. Ed. Nacional [s.d].

MATTOS, Raymundo José da Cunha. Corografia histórica da província de Goiás. (1. ed.: 1884) 2.ed. Goiânia: Governo de Goiás/SUDECO [s/d].

MORAES, Maria Augusta Sant'anna. História de uma oligarquia: os Bulhões. Goiânia: Ed. Oriente, 1974.

PALACIN, Luis. O século do ouro em Goiás. Estrutura e conjuntura numa capitania de minas. 4. ed. Goiânia: Ed. UCG, 1994..

PALACIN,L. & MORAES, M.A.S. História de Goiás (1722-1972). Goiânia, Imprensa da UFG, 1975.

POHL, Johann Emanuel. Viagem ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1976.

RAMOS, Hugo de Carvalho. Tropas e boiadas. 8° ed. Goiânia: AGEPEL/Ed. UFG, 1997.

ROSA, Joaquim. Por esse Goiás afora... Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem às nascentes do rio São Francisco e à província de Goiás. 2 v. Rio de Janeiro, Cia. Ed. Nacional, 1937.

SILVA, Henrique. A bandeira do Anhanguera a Goiás em 1722 segundo José Peixoto da Silva Braga. UCG/Centro de Cultura Goiana. Memórias goianas I. Goiânia: Centauro Gráfica e Editora, 1982.

SILVA, Nancy Ribeiro de Araújo e. Tradição e renovação educacional em Goiás. Goiânia: Ed. Oriente, 1975.

SOUZA, Luiz Antônio da Silva e (Pe.). Memória sobre o descobrimento, população e coisas mais notáveis da Capitania de Goyaz (1. edição: 1849). In TELES, José Mendonça. Vida e obra de Silva e Souza. 2. ed. Coleção Documentos Goianos n. 21. Goiânia: Ed. UFG, 1998.

TEIXEIRA NETO, Antônio. O território goiano. Formação e processo de povoamento e urbanização. Goiânia: 1991. Mimeo.